

Desafios e potencialidades no cuidado psicológico ao idoso: uma discussão a partir de entrevista com psicólogo

Challenges and Potentialities in Psychological Care for the Elderly: A Discussion Based on an Interview with a Psychologist

Francisco Cláudio Soares¹

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Antonio Geison Oliveira²

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

João Paulo Machado Medeiros³

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Renata Campos⁴

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Marcela Santos Rocha⁵

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Jayce L. L. Callou⁶

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Resumo: Este estudo qualitativo examina desafios e potencialidades do cuidado psicológico da população idosa, a partir de uma entrevista semiestruturada com um psicólogo atuante em Salvador/BA. A análise dos dados abordou temas como desenvolvimento psíquico, escuta empática e promoção da autonomia dos idosos. Destacou-se a relevância do combate ao etarismo e de reconhecer o idoso como um agente ativo em seu processo de envelhecimento. Foram identificados desafios enfrentados pelos profissionais na prática clínica, como a necessidade de escuta

¹ Discente em psicologia pela Fundação Visconde de Cairu - xicoclaudio@yahoo.com.br

² Discente em psicologia pela Fundação Visconde de Cairu - geisono757@gmail.com

³ Mestre em Ciências Farmacêuticas pela UFBA e Discente em psicologia pela Fundação Visconde de Cairu – jpmbean@yahoo.com.br

⁴ Discente em psicologia pela Fundação Visconde de Cairu - renatamix2010@gmail.com

⁵ Discente em psicologia pela Fundação Visconde de Cairu - rochamarcela300@gmail.com

⁶ Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e teorias feministas pela UFBA, e professora pela Fundação Visconde de Cairu - jayce.psi@hotmail.com

qualificada e atualização constante dos psicólogos que lidam com o público idoso. O estudo ressalta que o cuidado psicológico deve ser multidisciplinar, considerando fatores socioeconômicos, culturais, emocionais e físicos que afetam a saúde mental destes indivíduos. O papel do psicólogo é essencial para facilitar a autoaceitação e a reflexão sobre a própria história do paciente, promovendo um envelhecimento mais humano e significativo. A pesquisa conclui que a valorização do idoso e a construção de um ambiente de apoio social são fundamentais para garantir uma qualidade de vida digna e saudável na terceira idade.

Palavras-chave: Envelhecimento; Psicologia do Idoso; Cuidado.

Abstract: This qualitative study examines the challenges and potential of psychological care for the elderly population, based on a semi-structured interview with a psychologist working in Salvador, Bahia. Data analysis addressed topics such as psychological development, empathetic listening, and promoting the autonomy of the elderly. The importance of combating ageism and recognizing the elderly as active agents in their aging process was highlighted. Challenges faced by professionals in clinical practice were identified, such as the need for qualified listening and constant updating of psychologists who deal with the elderly population. The study emphasizes that psychological care must be multidisciplinary, considering socioeconomic, cultural, emotional, and physical factors that affect the mental health of these individuals. The role of the psychologist is essential to facilitate self-acceptance and reflection on the patient's own history, promoting a more humane and meaningful aging process. The research concludes that valuing the elderly and building an environment of social support are fundamental to ensuring a dignified and healthy quality of life in old age.

Keywords: Aging; Psychology of the Elderly; Care.

Introdução

O cuidado com a população idosa é um tema de crescente relevância no campo da psicologia, especialmente no contexto social em que a longevidade se torna cada vez mais comum. Como parte do processo de enlace teórico e prático da disciplina Psicologia do Desenvolvimento III, foi realizada uma entrevista com o psicólogo Carlos Alcântara, cujo nome é fictício, para explorar sua experiência e perspectivas sobre o trabalho com idosos.

A entrevista, conduzida de forma online no domingo, 22 de setembro de 2024, através da plataforma *Google Meet*, teve como objetivo compreender como o psicólogo

aborda as diversas esferas que constituem o cuidado aos idosos — física, emocional, mental, espiritual, social, ambiental, ocupacional e financeira. Além disso, buscou-se perceber as estratégias utilizadas, os desafios enfrentados e as especificidades desse segmento.

Carlos Alcântara é um psicólogo com 13 anos de formação pela Universidade Salvador (UNIFACS), trabalha com a abordagem junguiana e em seu relato faz questão de demonstrar a sua paixão pela clínica. Sua trajetória profissional começou com uma experiência de voluntariado na Fundação Lar Harmonia, em Salvador/Ba, e evoluiu com uma especialização em Gerontologia pela Universidade Católica, em 2016. Durante essa formação, teve a oportunidade de interagir com diversos profissionais e compreender as particularidades do trabalho com idosos.

A formação de Carlos foi ampliada com uma especialização em Terapia Comunitária Integrativa (TCI), em 2017, e em Psicotraumatologia, em 2019, unindo a teoria analítica à técnica *Somatic Experiencing*. Atualmente, ele está cursando mestrado na UFBA, com foco em Gestão Social e Espiritualidade. Sua prática clínica com idosos foi iniciada com atendimentos em empresas de *home care* e, mais recentemente, no Hospital Santo Antônio, que faz parte das Obras Sociais Irmã Dulce (OSID). Com uma atuação de quatro anos no hospital geriátrico da OSID, Carlos trabalha em internação de pacientes agudos, reabilitação e cuidados paliativos, além de prestar apoio em unidades de terapia intensiva e em áreas como oncologia e cardiologia.

Para início de conversa: temas abordados na entrevista

A entrevista semiestruturada com o psicólogo Carlos Alcântara permitiu a identificação de múltiplas dimensões relevantes no cuidado psicológico ao idoso. Com relação aos Desafios do Envelhecimento e Saúde Mental foi ressaltada a frequente confusão entre o processo natural de introspecção na velhice e quadros depressivos, o que pode dificultar diagnósticos precisos. Além disso, discutiu-se como a dedicação excessiva ao cuidado com o outro ao longo da vida pode resultar em negligência do autocuidado, impactando negativamente a saúde mental na velhice. A ausência de uma

construção psíquica interna consistente ao longo do ciclo vital também foi apontada como fator de vulnerabilidade aos quadros de ansiedade e depressão na terceira idade.

No que tange a Clínica do Envelhecimento e Trabalho Interdisciplinar o psicólogo enfatizou a importância de uma atuação integrada entre profissionais da saúde e familiares, compondo uma rede de apoio efetiva ao idoso. Apontou-se que manifestações como humor depressivo podem ter origens físicas, como infecções, exigindo uma abordagem clínica cuidadosa e multidisciplinar. Também foi feita uma distinção entre as camadas do sofrimento psíquico observado em ambientes hospitalares — e aquele expresso no *setting* clínico, de características distintas.

Ao enfatizar a Abordagem Psicoterapêutica na Gerontologia discutiu-se o impacto das intervenções familiares que, mesmo com a intenção de proteger, podem comprometer a autonomia do idoso. A abordagem junguiana foi destacada como uma via terapêutica eficaz, por promover a individuação e o autoconhecimento na velhice. Foram também ressaltadas estratégias práticas, como o encaminhamento para grupos de convivência e oficinas, que favorecem a integração social e o bem-estar subjetivo.

No Impacto da Socialização no Envelhecimento, os processos de socialização foram apontados como fator protetivo essencial para o envelhecimento saudável, promovendo conforto emocional, segurança e a construção de novos vínculos afetivos. No que tange aos Desafios da Velhice e Demência, o psicólogo trouxe reflexões sobre as dificuldades enfrentadas pelas famílias ao longo da progressão de quadros demenciais, destacando a importância da estimulação cognitiva e da atuação conjunta - interdisciplinar, entre profissionais do SUS e os próprios familiares.

Reflexões sobre a Vida e a Morte foram realizadas, pois a abordagem clínica do envelhecimento também envolve questões existenciais, como a necessidade de ressignificação da vida e da morte. Segundo o entrevistado, esse processo pode levar a uma reavaliação de prioridades individuais e a uma busca por experiências significativas.

As Violências contra idosos e a importância da Notificação, também foram abordadas durante a entrevista. Casos de violência — ainda que não intencionais — são apontados como recorrentes, sobretudo no contexto hospitalar. A equipe de saúde deve

ser orientada a realizar notificações formais após a avaliação inicial, incluindo situações de violência patrimonial, psicológica e física.

A última temática trazida pelo entrevistado foi o Impacto da Pandemia no Atendimento Psicológico. A pandemia de COVID-19 agravou o isolamento social de idosos, especialmente aqueles institucionalizados. Observou-se também um desgaste emocional significativo decorrente da perda de laços afetivos durante o período pandêmico. Como resposta, foram criados grupos virtuais de convivência, incluindo um grupo de WhatsApp mantido até o presente, que fortaleceu e segue fortalecendo os vínculos e o apoio mútuo.

Aprofundamentos: Envelhecimento, Sofrimento Psíquico e Cuidado Clínico à Pessoa Idosa

A valorização do idoso é um tema de relevância social e varia significativamente conforme as perspectivas socioculturais e políticas. Em muitas sociedades orientais e indígenas, os idosos ocupam lugar de prestígio, sendo considerados os detentores dos saberes e da tradição. Em contrapartida, em culturas ocidentais e capitalistas/neoliberais, que supervalorizam indivíduos produtivos, é comum que a velhice seja associada à improdutividade e/ou “fim da vida”, o que frequentemente resulta em exclusão social e invisibilidade. Tal negligência repercute diretamente na saúde mental dessa população, influenciada por aspectos socioeconômicos, relacionais e institucionais (Bock; Furtado; Teixeira, 2023).

O Brasil, bem como outros países em processo de envelhecimento populacional, enfrenta desafios crescentes para garantir qualidade de vida à população idosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 10,9% da população possui 65 anos ou mais, o que representa mais de 22 milhões de pessoas (Menon; Vieceli, 2023). A expectativa de vida, por sua vez, alcança 79 anos para mulheres e 75 anos para homens (Menon; Vieceli, 2023). Esses números indicam uma tendência de crescimento na demanda por serviços de saúde e aplicação prática das estratégias públicas que favoreçam um envelhecimento ativo e digno.

Nesse contexto, compreender o envelhecimento como um processo multidimensional — envolvendo aspectos fisiológicos, psíquicos e sociais — torna-se fundamental. Erikson (apud Martorell; Papalia, 2022) descreve o último estágio do ciclo de vida como um enfrentamento entre a integridade do ego e o desespero. A velhice, segundo ele, pode representar um momento de aceitação da trajetória vivida, culminando em sabedoria. Alternativamente, pode ser marcada por frustração, arrependimento e desespero frente ao que não foi vivido ou elaborado.

Durante a entrevista, o psicólogo Carlos Alcântara destacou que o sofrimento psíquico do idoso emerge, frequentemente, de múltiplas fontes: condições de saúde, relações familiares conflituosas, dificuldades econômicas e, sobretudo, da não aceitação do processo de envelhecimento:

Um dos pontos que sempre está presente em qualquer ambiente é essa relação com o envelhecer. [...] Existe uma demanda de uma dificuldade em aceitar o processo de envelhecimento. [...] Esse é um tema que atravessa vários momentos da clínica, do atendimento domiciliar e do hospital também. (Psicólogo entrevistado).

A partir de uma abordagem junguiana, Alcântara enfatiza a importância do processo de individuação, no qual o sujeito busca se tornar, de forma mais consciente e plena, aquilo que verdadeiramente é. Para Jung, esse movimento de interiorização e integração das dimensões conscientes e inconscientes da personalidade torna-se essencial na segunda metade da vida (Schultz; Schultz, 2021).

Segundo o entrevistado, a clínica com pessoas idosas requer, antes de tudo, acolhimento. Muitas demandas não encontram resolução plena, exigindo do psicólogo sensibilidade para trabalhar com o que é possível no tempo presente e de acordo com as capacidades, configuração psíquica, contexto e história daquele indivíduo. Ele alerta, ainda, para o risco de diagnósticos apressados, lembrando que nem toda tristeza é sinônimo de depressão, e que fatores orgânicos, como infecções, podem gerar alterações no humor. Diante disso, ele defende uma atuação interdisciplinar, envolvendo médicos, fisioterapeutas, psiquiatras, geriatras e demais profissionais.

A diferença entre a atuação clínica e a hospitalar também foi destacada:

No hospital é como se a ferida estivesse em carne viva. [...] A vinculação vem por essa via de amparo, de um cuidado inicial para aquele sujeito que está passando tantas mudanças e dores. [...] Mesmo que seja apenas um exame, ele pode deflagrar muitas coisas pesadas. (Psicólogo entrevistado).

O ambiente hospitalar exige criatividade e preparo para intervenções breves, adaptadas à urgência e ao sofrimento imediato do paciente. Conforme Canon et al. (2010), o psicólogo hospitalar atua no leito, muitas vezes sem que o paciente compreenda claramente o seu papel, e enfrenta interrupções constantes por parte da equipe multiprofissional, o que exige ainda mais foco e habilidade de manejo.

E aí no hospital tem uma característica muito mais de contenção porque não tem tempo pra (sic) trabalhar de uma forma prolongada. Então faço encaminhamentos familiares, eu percebo a dinâmica, a depender. “Olha, você vai precisar de acompanhamento contínuo. Porque ainda vem muita coisa, né?” Do tipo, o idoso tem a síndrome do fim da tarde. Então, no fim da tarde, o idoso demenciado começa a falar, “eu quero ir pra (sic) casa, eu quero ir pra (sic) casa”, estando dentro de casa. E aí o sujeito vai fazer o quê? O familiar vai fazer o quê? Ele tem que começar a criar estratégia. “Vamos, vamos pra casa”. Aí pega, sai de casa e volta, volta pela porta. (Psicólogo entrevistado)

Além do trabalho individual, Alcântara enfatiza a potência dos grupos de convivência, como espaços de socialização e construção de sentido para o envelhecimento. Oficinas, rodas de conversa, dança e outras atividades lúdicas e culturais são valorizadas como estratégias de promoção de saúde e bem-estar. Como ele afirma: “É uma diversidade de velhices que a gente percebe” (Psicólogo entrevistado). Papalia e Martorell (2022) mencionam a *teoria da atividade*, que apesar de hoje atender pouco ao que se observa em idosos, traz um pouco do que foi mencionado acima. Elas dizem que “em vez de afastar-se da vida, adultos que envelhecem com sucesso tendem a permanecer envolvidos com suas conexões e papéis sociais. Quanto mais ativos permanecerem nesses papéis, mais satisfeitos com a vida tendem a ser” (Papalia; Martorell, 2022, p. 535). A sociabilidade e um ambiente com estímulos diversos propiciam ao idoso um envelhecimento mais ativo e saudável.

No entanto, o suporte familiar nem sempre está presente. O psicólogo compartilhou o caso de uma idosa que levava todos os seus pertences a encontros grupais, temendo que fossem furtados pela neta durante sua ausência — um exemplo claro de violência patrimonial velada. A violência contra a pessoa idosa é uma realidade crescente: segundo dados do G1, houve um aumento de 38% nos registros apenas no primeiro semestre de 2023 (Luder; Santos, 2023).

A resposta institucional a essas situações, segundo o psicólogo, deve incluir a notificação formal e, quando cabível, denúncia. Mesmo em casos sem intenção explícita de causar dano, como, por exemplo, a tentativa de retirar uma sonda para tirar fotos ou obter empréstimos. Para esses e outros casos correlatos, é necessário reconhecer o ato como violência e atuar de forma educativa com os envolvidos. Essa relação de familiares ou cuidadores com idosos se torna mais complexa quando este é acometido de uma demência.

Papalia e Martorell (2022) falam que “algumas vezes o estresse criado pelas demandas pesadas e incessantes do papel de cuidador é tão grande a ponto de levar ao abuso, negligência ou mesmo abandono da pessoa idosa dependente” (p. 488). Dentro desta temática, o psicólogo afirma que foi aprendendo a trabalhar com demência ao longo da sua prática em psicologia e contou um caso de um cliente que tinha Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma doença neurodegenerativa que vai incapacitando a pessoa. Ele o atendia em *home care* e realizava a sessão por meio do olhar, de símbolos e do balançar a cabeça, pois o paciente já havia perdido a fala. Em outro momento ele contou que quando o paciente já está um estágio que não responde mais cognitivamente, o apoio segue para a família:

Então, nesse momento eu faço essa mudança de estar mais com a família e de buscar esses recursos para que a família possa se relacionar com esse sujeito, ou dando esse espaço para que a família possa colocar a dor de viver isso, de viver essas perdas, de viver essas mudanças, porque é um adoecimento do sistema também. Uma demência não fica só naquele sujeito. Tá adoecendo o sistema familiar como um todo. Ainda mais se o idoso tem uma relação muito funcional na família. (Psicólogo entrevistado)

A atuação psicológica com pessoas idosas, portanto, exige competências específicas: escuta empática, atuação em rede, sensibilidade às questões existenciais e habilidade para intervir de forma ética e contextualizada, especialmente diante de vulnerabilidades acentuadas por doenças, exclusão social e violência.

Impactos da Pandemia de COVID-19 na Atuação do Psicólogo com Pessoas Idosas

A pandemia de COVID-19 provocou uma desestruturação global, afetando de forma direta e intensa os profissionais da saúde. A necessidade de atuação na linha de frente, os riscos constantes de contaminação e a adoção rigorosa de medidas de autocuidado exigiram a reinvenção da prática profissional cotidiana. Entre os profissionais impactados, destaca-se o psicólogo, cuja atuação precisou adaptar-se rapidamente a novas realidades, tanto nos hospitais quanto nas clínicas, como a intensificação do uso de tecnologias digitais para atendimentos psicológicos.

No atendimento ao público idoso, os desafios foram ainda mais significativos. Por se tratar de um grupo de risco, o confinamento imposto tornou-se particularmente rígido, limitando de forma drástica o contato social e o acesso a atendimentos presenciais, exceto em casos emergenciais. Esse isolamento teve efeitos profundos na saúde emocional dessa população.

O psicólogo entrevistado, compartilha sua experiência no contexto hospitalar durante a pandemia:

Então, nessa época eu atendia nos leitos porque a gente tinha uma demanda muito grande de atender as pessoas por videochamada, mas também eu era alocado na Instituição de Longa Permanência (da OSID). E lá muitos idosos não têm família. E aí quando a gente pensa numa instituição de acolhimento da pessoa idosa, a gente passa a perceber que nós somos a família deles. Então, a gente ia atender todo paramentado: luva, máscara (Psicólogo entrevistado).

Na clínica, as mudanças também foram expressivas:

Na clínica isso teve um impacto também porque muitos não saíam. Teve um momento de não sair de casa, esse momento estava na clínica. E aí eu tinha os atendimentos individuais e, para além disso, eu criei um grupo, um grupo de convivência. Na época eu usava, acho que era o Zoom, enfim, não lembro direito o que eu usava, mas era uma plataforma virtual” (Psicólogo entrevistado).

Nessas sessões remotas, familiares ou cuidadores auxiliaram aos idosos a se conectarem ao ambiente virtual, viabilizando a continuidade do cuidado psicológico. Além disso, foi criado um grupo no WhatsApp, que permanece ativo, promovendo trocas cotidianas entre os participantes e fortalecendo os vínculos terapêuticos. Diante dessas variadas situações, torna-se ainda mais evidente o papel do psicólogo como agente de humanização no cuidado hospitalar e clínico.

Como afirmam Canon et al. (2010, p. 13) “O psicólogo reveste-se de um instrumental muito poderoso no processo de humanização do hospital, na medida em que traz em seu bojo de atuação a condição de análise das relações interpessoais.” Durante a pandemia, esse papel foi ampliado e redefinido, estendendo-se às múltiplas formas de atuação mediadas pela tecnologia e sustentadas pelo princípio do acolhimento que se ressignificam constantemente.

Considerações Finais

O envelhecimento é uma parte intrínseca da vida, e quando ocorre de maneira ativa e consciente, torna-se um processo que favorece a compreensão e o autocuidado. Nessa realidade e estágio da vida humana, o psicólogo atua como um facilitador, ajudando o idoso a navegar por sua própria trajetória e a descobrir novos caminhos, independentemente da fase de desenvolvimento em que se encontra. É importante reconhecer que esse processo é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo questões socioeconômicas, de classe, gênero, ambiente e espiritualidade, que compõem a formação biopsicossocial do indivíduo. Essas variáveis podem tanto potencializar quanto dificultar o desenvolvimento do idoso.

Ademais, o envelhecimento traz consigo questões fisiológicas que vão desde alterações na pressão arterial até condições mais severas, como a demência. A presença

de uma rede de apoio saudável é fundamental para que o idoso enfrente essa nova fase da vida, proporcionando um senso de pertencimento e continuidade nas relações sociais. Assim, o papel do psicólogo se estende além do cuidado individual e amplia-se para a rede de suporte, que inclui a família, amigos, comunidade e profissionais de saúde. O atendimento ao idoso é um trabalho multidisciplinar que exige do psicólogo uma abordagem criativa, atuando em diversos contextos, como clínicas, hospitais e *home care*.

Nesse sentido, o psicólogo torna-se um artífice de narrativas, guiando o idoso a refletir sobre sua própria história e a acolher suas questões. Essa abordagem permite que o idoso encontre significado e aceitação, mesmo diante da finitude, promovendo um envelhecimento mais humano e curativo. O desafio é construir uma visão positiva do envelhecer, transformando essa etapa da vida em uma oportunidade de aprendizado e crescimento, onde cada momento é valorizado como parte de uma rica e singular trajetória.

Referências

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Pra vida toda valer a pena viver – pequeno manual para envelhecer com alegria**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 16 ed. – São Paulo: SaraivaUni, 2023.

CANON, Valdemar Augusto Angerami (org); TRUCHARTE, Fernanda A. Rodrigues; KNIJNIK, Rosa Berger; SEBASTIANI, Ricardo Werner. **Psicologia Hospitalar – teoria e prática**. 2ª edição, São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LUDER, Amanda; SANTOS, Fábio. Violência contra idoso cresce 38% no Brasil, diz levantamento. **G1**, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/26/violencia-contra-idoso-cresce-38percent-no-brasil-diz-levantamento.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2024.

MENON, Isabella; VIECELI, Leonardo. Brasil tem envelhecimento recorde, e pessoas de 65 anos ou mais chegam a 10,9% da população. **Folha de São Paulo**, 23 out. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/brasil-tem-envelhecimento-recorde-e-pessoas-de-65-anos-ou-mais-chegam-a-109-da-populacao.shtml>. Acesso em: 27 out. 2024.

MORTARELL, Gabriela; PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. Trad. Francisco Araújo da Costa, 14ª edição, Porto Alegre: AMGH, 2022.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. Trad. Priscilla Lopes, 11ª edição, São Paulo: Cengage Learning, 2021.

VIECELI, Leonardo. Expectativa de vida no Brasil sobe a 75,5 anos após duas quedas na pandemia. **Folha de São Paulo**, 29 nov. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/11/expectativa-de-vida-no-brasil-sobe-a-755-anos-apos-duas-quedas-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 27 out. 2024.